

## O terapeuta da anarquia

Leandro Colling

Miro de Souza



Roberto Freire é médico, romancista, anarquista, teatrólogo, jornalista e terapeuta

O defensor do amor e do vexame, do tesão como solução, da absoluta liberdade do ser humano, está lutando para se libertar do peso da velhice. "Gostaria de não ter envelhecido. Tempos atrás, quando eu via uma mulher interessante ia lá e a cantava. Hoje tenho vergonha". Pode parecer estranho e até uma controvérsia. Roberto Freire, médico, romancista, anarquista, teatrólogo, jornalista e terapeuta, sente na pele seus 67 anos muito bem vividos. Mas apesar de ter perdido parte da visão, consequência das torturas a que foi submetido durante o ditadura militar, Roberto continua viajando por todo o Brasil para divulgar a somaterapia e seus livros. Semana passada esteve em Porto Alegre para lançar seu último livro, 3/4, que marca a volta ao teatro, e concedeu uma entrevista exclusiva ao Jornal NH.

3/4 (leia-se três quartos) é um livro que reúne três peças teatrais em um ato. Uma delas chama-se Quarto de Empregada, já conhecida pelos seus 35 anos de existência. A novidade fica com a inclusão de Quarto de Estudante Quarto de Hotel "As outras duas escrevi no ano passado. Elas estão juntas porque identifiquei o mesmo conteúdo nas três. Descobri que a juventude brasileira se prostitui igualmente como as domésticas. As pesquisas sociológicas mostram que no Brasil, 70% das prostitutas já foram domésticas", garante.

Para Freire, um dos grandes problemas do Brasil é a classe dominante feita de prostituídos. Quarto de Estudante conta como as pessoas chegam na prostituição moral. "São homens que nas faculdades têm sonhos libertários. O amor os leva a querer ter uma família burguesa. Acabam se alienando completamente para os problemas sociais", lamenta.

A terceira peça é para quem vive a chamada vida social. "Um casal se encontra num quarto de hotel. Toda história gira em torno de uma frase de Bakunin, um anarquista russo. No século passado, perguntaram a ele se daria a vida por alguma coisa. Primeiro ele disse que não. Depois, pensou um pouquinho e disse: "Tem uma coisa pela qual eu daria a minha vida. É pela nona sinfonia de Beethoven". Nisso eu vi um homem que conseguiu a liberdade de ser ele mesmo, mas cede tudo para sua mulher. Só quando ele está ouvindo a nona sinfonia, e a mulher quer baixar o volume do som, ele não aceita. Daí ele entra num processo de violência", conta Freire.

**Qual a relação que o novo livro tem com a sua terapia?**

Os meus clientes são os personagens das peças, com exceção de *Quarto de Empregada*. Os estudantes estão sofrendo porque não conseguem ser livres. Ou então são jovens que se casaram e não suportam a vida que estão levando. O que eu faço na "soma" com as pessoas também acho com os personagens.

**A soma é uma terapia feita em grupo, onde as neuroses de cada um são tratadas como fruto do sistema totalitário no qual vivemos. O que a soma está conseguindo fazer de concreto? Como você está sentindo este trabalho?**

É trabalho bastante penoso. Os jovens estão vivendo com uma sensação de incompetência e impotência. Querem ser mais criativos, viver aquilo que são. Sinto que eles estão traindo os seus desejos fundamentais. A soma tem a proposta de desfazer a incompetência e impotência. Quem faz soma descobre o que ela é. Vai aprender a lutar por aquilo que ela é. As pessoas, quando vem de famílias burguesas, percebem que precisam entrar numa luta. E não é uma coisa que o terapeuta produz nela. Ela tem que lutar dentro de seu grupo. Aprender a viver de uma nova forma. Nós propomos a vida anarquista. E aí é que a coisa fica difícil.

**A soma não fica muito restrita aos grupos? Depois que o sujeito esclarece suas dúvidas**

**para se tornar menos incompetente, como conseguirá viver na nossa sociedade?**

Nós temos poucos referenciais. Um deles é toda a teoria, a filosofia e as lutas anarquistas. Tem um outro referencial que é concreto e direto. Somos nós, os terapeutas. Nós somos pessoas que foram burguesas e que um dia rompemos com a burguesia. Passamos a viver do nosso potencial criador. Eu fiz tudo o que era possível para descobrir uma saída. Descobri que sou um escritor. Hoje vivo dos direitos autorais. Não preciso mais me prostituir por nada. No grupo de soma as pessoas formam uma corrente e algumas pessoas vão descobrindo o seu caminho. Aqueles que não descobrem é porque não querem. As pessoas que não passam a ser elas mesmas é porque optaram pela vida burguesa.

**E daí? Ela não tem mais espaço na soma?**

Não, nós ajudamos. Se ela quer ser burguesa, tudo bem. Só que tem que ser burguês e bom capitalista! Agora ser intermediário, trabalhar para o capitalista e receber um salário mínimo é horrível. Se você quer ser capitalista seja banqueiro e não seja bancário. Faça grande!

**Por que você introduziu a capoeira na terapia?**

Porque ela foi criada no Brasil, pelos negros de Angola, que procuraram transformar seu corpo numa arma. É exatamente isso que a soma está

fazendo. A capoeira produz uma modificação completa no que Willian Reich chamava de couraça muscular. Reich acha que o medo faz com que a gente contraia toda a musculatura e a bioenergia não consegue circular. O movimento da capoeira mexe com toda a musculatura. Se consegue fazer com que a bioenergia circule quase que perfeitamente. Sem falar na confiança em si mesmo que você passa a adquirir.

**Que tipo de público tem procurado a soma?**

Procura a soma quem não está gostando da vida burguesa. Na maior parte são jovens com idade entre 17 e 25 anos. É raro ter alguém de 40 anos. Vai fazer soma quem quer mudar e tem um tempo hábil para mudar.

**Falando agora sobre o relacionamento entre duas pessoas. No seu livro *Ame e dê Vexame*, você escreveu: "Você é você e eu sou eu. Eu faço as minhas coisas e você faz as suas". Em cima desta afirmação, como tens visto o comportamento das pessoas?**

Hoje as relações de amor são relações de dominação. Nós estamos procurando acabar com isso. Nunca vai se saber se a relação aberta é melhor que a fechada. Cada pessoa difere uma da outra. A proposta da soma foi um desafio. As pessoas criaram relações dependentes porque precisam umas das outras. Não deve precisar, deve se amar o outro. Por isso que eu criei uma

outra teoria, que é a de separar o amor complementar do amor suplementar.

**Como isto é possível?**

Quando meus filhos eram pequenos eu procurava complementar a vida deles. Com o tempo eu fui deixando eles fazerem as coisas sozinhos. Daí começou a surgir o amor suplementar. Hoje, quando a gente se encontra é um tesão. Eu vejo os casais dizendo: "o meu parceiro me complementa, tem tudo o que eu não tenho". Isso cria uma dependência horrível. Eu comecei meu casamento assim. Quando a gente descobriu o anarquismo tudo mudou.

**Quais os próximos projetos?**

Entreguei para uma editora, cinco volumes de um livro sobre a vida de menores abandonados. É um livro que escrevi com uma paixão incrível, porque eu sofro muito com o problema deles. É um livro muito forte, que termina com a rebelião da Febem. O personagem principal é um dos que quase foram assassinados na Candelária. Estou espantado com a quantidade de professores que estão pedindo este livro para a editora. Por enquanto eles estão fazendo as pesquisas. O livro só vai ser lançado em março de 1995. Terminei isso e estou sofrendo, não tô conseguindo escrever mais. Não sei se é aquele período depois do parto, quando a mulher não tem vontade de preparar, ou se realmente está acabando o tesão de escrever.